

NICOLAI GOGOL

○ NARIZ

seguido de *Diário de um louco*

Tradução de ROBERTO GOMES

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

I

No dia 25 de março passado¹, Petersburgo foi palco de uma aventura das mais estranhas. O barbeiro Ivan Yakovlévitch, domiciliado na avenida da Ascensão (seu nome de família se perdeu e em sua insígnia figura apenas a inscrição: *Pratica-se também a sangria*, por debaixo de um senhor com as faces lambuzadas de sabão), levantou-se bastante cedo e percebeu um odor de pão quente. Sentando-se na cama, viu que sua esposa – pessoa respeitável e que gostava muito de café² – retirava do forno pães que acabavam de ser cozidos.

“Hoje eu não tomarei café, Prascovi Ossipovna, disse Ivan Yakovlévitch. Prefiro roer um bom pão quente com cebolinha.”

1. Na versão publicada em 1836 em *O Contemporâneo*, a data era: 25 de abril (e, por conseqüência, a do final do conto, 5 ou 6 de maio ao invés de 7 de abril. 25 de março, data finalmente fixada por Gogol, é a da *Anunciação*, comemorada com um alarde particular pela igreja ortodoxa). É notadamente a respeito da escolha desta data que Paul Evdokimov (*Gogol e Dostoievski ou a Descida ao inferno*, Paris, 1961) baseia sua interpretação apocalíptica de *O nariz*: o Nariz – tal como Khlestakov, como Tchitchikov – é o Anticristo...

2. O café era, em Petersburgo, de um uso tão corrente quanto o chá no resto da Rússia. Costume trazido da Holanda por Pedro, o Grande, e que Gogol apreciava particularmente.

Na verdade, Ivan Yakovlévitch gostaria muito de pão e café, mas julgava impossível pedir as duas coisas ao mesmo tempo; Prascovi Ossipovna não tolerava caprichos deste tipo.

“Tanto melhor, disse a respeitável esposa jogando um pão sobre a mesa. Que o meu tolinho se empanturre de pão! Vai me sobrar mais café.”

Respeitador dos bons modos, Ivan Yakovlévitch vestiu seu casaco sobre a camisa e se preparou para o desjejum. Colocou à sua frente uma pitada de sal, limpou duas cebolas, pegou sua faca e, com uma expressão grave, cortou o pão em dois. Percebeu então, para sua grande surpresa, um objeto esbranquiçado exatamente no meio do pão. Cutucou-o cuidadosamente com a faca, apalpou-o com o dedo... “Que poderá ser isso?”, perguntou-se sentindo a resistência.

Meteu então os dedos dentro do pão e dali retirou... um nariz! Seus braços despencaram. Ele esfregou os olhos, apalpou novamente o objeto: um nariz, era de fato um nariz, tratava-se até mesmo de um nariz de suas relações! O pavor tomou conta das feições de Ivan Yakovlévitch. Mas este pavor não era nada comparado à indignação que se apoderou de sua respeitável esposa.

“Onde foste capaz de cortar este nariz, sujeito desastrado!, exclamou ela. Beberrão! Ladrão! Patife! Vou em seguida te denunciar à polícia, seu bandido! Já ouvi três pessoas dizendo que, ao lhes

fazer a barba, puxas o nariz das pessoas quase a ponto de arrancá-lo!”

Entretanto, Ivan Yakovlévitch estava mais morto do que vivo: acabara de reconhecer o nariz de M. Kovaliov, assessor do juiz do colegiado eleitoral, que tivera a honra de barbear na quarta e no domingo.

“Um minuto, Prascovi Ossipovna! Vou embrulhá-lo num pedaço de pano e colocá-lo aqui no canto, por enquanto. Eu o levarei mais tarde.

– Só me faltava essa! Acreditas que eu vou guardar aqui um nariz cortado? Seu grandíssimo cabeça de vento! Não sabes mais do que fazer barba! Não demora e nem saberás barbear as pessoas como deve ser feito! Ah, o maldito aventureiro! Ah, o bruto! Ah, o mal-educado! E só faltava que eu precisasse responder por isso aí na polícia! Leve-o imediatamente, porcalhão! Leve-o para onde quiseres e que eu nem ouça mais falar dele!”

Ivan Yakovlévitch permaneceu petrificado de surpresa. Refletiu muito mas não sabia o que pensar de tudo aquilo.

“Como diachos aquilo acontecera?, murmurou enfim, coçando-se atrás da orelha. Acaso eu estava bêbado quando voltei ontem para casa? Já não me lembro... E ademais, na verdade esta coisa é inverossímil. Que será que este nariz veio fazer dentro deste pão? Não, não compreendo patavina!”

Ivan Yakovlévitch calou-se. Adiante do pen-

samento de que policiais poderiam encontrá-lo de posse daquele nariz e acusá-lo de um crime, ele perdeu definitivamente o controle. Viu surgir uma espada, uma gola vermelho vivo bordada em prata..., e seu corpo começou a tremer por inteiro. Por fim, vestiu suas calças e as botas, embrulhou o nariz num pano e se precipitou porta afora, acompanhado pelas imprecações de Prascovi Ossipovna.

Tinha a intenção de jogar seu embrulho dentro de algum frade-de-pedra³, por debaixo de algum portal, ou de abandoná-lo como se fosse por acaso no canto de uma ruela. Infelizmente, tropeçava a todo momento com pessoas conhecidas, que de cara lhe perguntavam: “Onde vais correndo desta forma?”, ou então: “Quem vais barbear tão cedo?” Ele não conseguia achar o momento propício. Num certo momento, no entanto, ele acreditou ter se livrado do embrulho, mas um guarda municipal apontou para ele com a ponta de sua alabarda⁴, dizendo:

“Ei, você aí, indivíduo, junte o que deixou cair!”

3. Trata-se de pequena coluna oca, de pedra ou madeira, colocada à beira das calçadas para impedir a passagem de veículos.

4. Arma antiga, com haste de madeira e arrematada com um ferro pontiagudo, sobreposto a outro em forma de meia-lua.

Ivan Yakovlévitch foi obrigado a recolher o nariz e enfiá-lo no bolso. O desespero tomou conta dele, pois as lojas estavam abrindo e os transeuntes tornavam-se a cada momento mais numerosos.

Decidiu ir à ponte Santo Isaac na esperança de jogar no Néva seu fardo aborrecido.

Mas creio ter agido mal ao não ter dado qualquer detalhe a respeito de Ivan Yakovlévitch, personagem altamente respeitável sob muitos aspectos.

Como todo artesão russo que se respeita, Ivan Yakovlévitch era um bêbado incorrigível. E mesmo que barbeasse todos os dias o queixo dos outros, o seu permanecia sempre por fazer. A cor de sua casaca – Ivan Yakovlévitch nunca usava sobretudo – lembrava aquela dos burros quando fogem: na verdade, esta casaca era preta, mas inteiramente malhada por manchas cinzas e acastanhadas; o colarinho reluzia; três pontas de fios pendiam no lugar de botões ausentes. Quando se entregava aos cuidados de nosso barbeiro, o assessor do colegiado eleitoral tinha o costume de lhe dizer: “Com os diabos, Ivan Yakovlévitch, estas tuas mãos cheiram mal!, – Por que diz que elas cheiram mal?, perguntava Ivan Yakovlévitch. – Sei lá, meu caro, ocorre que sempre fedem!”, replicou o assessor do colegiado. Então, Ivan Yakovlévitch dava uma cafungada e, para se vingar, ensaboava impiedosamente as faces, o nariz, o pescoço, as

orelhas, todas as partes do coitado que seu pincel de barba pudessem alcançar.

Enquanto isso, este respeitável cidadão já havia alcançado a ponte Santo Isaac. Começou por inspecionar as redondezas, depois se debruçou sobre o parapeito como se investigasse se havia muitos peixes, e se desvencilhou discretamente do embrulho fatal. Em seguida, Ivan Yakovlévitch sentiu-se como se houvesse se aliviado de um peso de cem libras. Chegou a esboçar um sorriso. Ao invés de ir aparar os queixos de burocratas, resolveu tomar um copo de ponche num estabelecimento cuja insígnia indicava: *Aqui servimos chá e refeições*. Ele já colocava seus pés na porta, quando, súbito, percebeu na extremidade da ponte um oficial de polícia com uma aparência imponente. Largas costeletas, tricórnio, espada ao lado. Ele perdeu o controle quando o oficial o chamou com um dedo, dizendo:

“Aproxime-se, meu caro!”

Ivan Yakovlévitch, que conhecia as regras, retirou seu boné e acorreu em passos rápidos.

“Desejo um bom dia a Vossa Senhoria!”

– Deixe para lá a minha senhoria e me diga o que fazia na ponte.

– Garanto que estava indo barbear meus fregueses quando parei para verificar como a água corre rápida.

– Não me tapeie, responda com franqueza.

– Estou pronto a barbear gratuitamente Vos-

sa Graça duas ou três vezes por semana, replicou Ivan Yakovlévitch.

– Chega de patacoadas, amigo! Já tenho três propostas semelhantes a tua, de sujeitos que dizem que se sentiriam honrados em fazer minha barba. Vamos lá, diga-me o que fazias na ponte?”

Ivan Yakovlévitch empalideceu. Mas a seqüência da aventura se perde numa névoa tão espessa que ninguém jamais conseguiu descobri-la.

II

O assessor do colegiado Kovaliov acordou bastante cedo, murmurando: “Brrr!”, segundo um hábito que ele teria muita dificuldade em explicar. Ele se espreguiçou e olhou-se no espelho para examinar uma pequena espinha que, na noite do dia anterior, havia saído em seu nariz. Para seu imenso espanto, percebeu que o lugar que seu nariz deveria ocupar apresentava apenas uma superfície lisa! Alarmado, Kovaliov apanhou água e esfregou os olhos com uma toalha de rosto. O nariz havia desaparecido por inteiro! Apalpou-se, beliscou-se para se convencer de que não estava mais dormindo: não, estava muito bem acordado. Kovaliov pulou da cama e agitou-se: continuava sem o nariz!... Vestiu-se de imediato e foi direto ao chefe de polícia.